

A MELANCIA

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas – SP

Saí para uma caminhada. Depois de uns 15 minutos, veio-me claramente uma imagem da infância. Lembrei-me de uma manhã de Finados, eu e meu pai voltando do cemitério, após as tradicionais visitas anuais aos túmulos de familiares. Não vou falar de nada triste! Os caminhões carregados de melancia, oferecendo aos passantes as frutas “caladas²”, mostrando a cor interna vermelha, promessa de que estavam maduras e doces! Meu pai comprou uma para a sobremesa... A árdua tarefa começava nesse momento: levar a pesada melancia até minha casa. O cemitério era afastado do centro da cidade (hoje eu diria que a distância nem era exagerada), o que representava, na avaliação de uma criança, andar quase desde o fim do mundo! Meu pai propôs (mandou?!) que eu carregasse a melancia primeiro. Ajudou-me a colocá-la sobre o ombro e iniciou-se o calvário. (Era mais um exercício para formar um estóico...) Como me pesava no ombro! Como me doíam os músculos! Como eu suava debaixo do sol das onze horas!

Dei-me conta, enquanto caminhava, de que não apenas via com clareza toda a cena, como me sentia como me senti à época! Mas por que naquele momento, em que passeava pelo condomínio, fui me lembrar exatamente – e com tamanha nitidez – de um episódio vivido há mais de 60 anos? Não era época de Finados, não havia melancia à vista... Qual teria sido o estímulo discriminativo presente que evocou tais memórias? Sabe-se que a lembrança não vem do nada. Deve haver no ambiente atual algum S^D que evoque uma generalização de estímulos e, então, a “memória” (como se diz) se expressa e a pessoa se lembra de... À primeira vista, nada no ambiente externo presente teve a função de um estímulo que evocasse uma generalização e me levasse a me comportar no presente emitindo uma resposta de me lembrar daquele episódio da melancia me pesando no ombro... que se generalizava no tempo. Não acredito também que resposta tão complexa tivesse sido emitida espontaneamente sem um controle ambiental atual.

¹ Fevereiro/2012.

² “Caladas”: expressão usada à época para avisar que a melancia sofrera um corte triangular da casca para dentro, como se fosse aberta uma tampa. Com a ponta de uma faca, a tampa era removida e o comprador podia avaliar, pela cor do fruto, se a melancia estava madura ou não. Podia escolher a que lhe parecesse melhor. Tal hábito foi aos poucos sendo abandonado.

Pensar é comportar-se; lembrar-se – no caso, ver imagens passadas, na ausência do objeto visto – também é; sentir o corpo, em particular o ombro dolorido, na ausência do peso que o fez doer, é mais um exemplo de uma classe de comportamento equivalente ao “ver a melancia”, “ouvir meu pai”, “ver o cemitério” etc., tão somente cada classe comportamental envolve diferentes órgãos sensoriais... Qual, então, seria o controle de estímulo presente que evocou todos os comportamentos encobertos descritos naquela dada lembrança da infância?

Voltemos ao início do meu passeio... Ao sair vi, ao lado do portão, um saco com restos de argamassa, que o pintor se esqueceu de levar até a caçamba reservada para materiais residuais de construção. Foi fácil colocá-lo sobre o ombro. Nem parecia pesado... no início! Mas, durante a caminhada, o peso da argamassa começou a incomodar... mais... e mais... Mudei o saco de lado; de novo... Causou-me desconforto crescente! Aí, me lembrei da melancia... e meus pensamentos dançavam do saco de argamassa para a melancia. Minhas memórias estavam sendo reelaboradas e se tornando progressivamente mais detalhadas e nítidas, sob controle de estímulos proprioceptivos dolorosos, advindos dos músculos e articulações dos meus ombros. Desfez-se o mistério comportamental! Nada no ambiente externo evocava minhas lembranças; tão somente – não obstante com absoluta funcionalidade – estímulos corporais internos que assumiram o controle de meus pensamentos!

Prossegui meu passeio por mais uma longa hora (agora sem o saco pesado, que repousava, finalmente, na caçamba!). Cheguei até a feira dominical no centro de Sousa³. Fiquei atento aos pedaços de melancia expostos numa barraca de frutas. Não houve hesitação. Comi um suculento pedaço daquela que um dia me torturou! Como conceituar, neste episódio, a função do pedaço de melancia que vi na feira?

Andar por um longo trecho, sob um calor notável, é uma operação estabelecida (ou motivacional): produz perda de líquidos e, assim, uma privação. Eu estava com sede. A operação motivacional aumenta a probabilidade de emissão de determinadas classes de respostas, essencialmente, aqueles encadeamentos que terão como produto final a ingestão de líquidos. Ou seja, eu estava em busca (isto é, emitindo classes diversas de respostas até que uma ficasse sob controle de um S^D , de forma que a resposta emitida sob controle de tal estímulo produzisse o reforço do qual eu estava privado...) de algo que me saciasse a sede: poderia ser uma barraquinha que vende refrigerantes (que, felizmente, fica bem no final da feira!); uma fatia de abacaxi; um sorvete; um pedaço de melancia; uma laranja etc. Adicionalmente, uma segunda função da operação motivacional consiste em alterar a função reforçadora de determinados estímulos (no caso, aumenta o valor reforçador de estímulos que produzam redução da condição corporal aversiva, a qual poderíamos denominar de desidratação leve, tais como água, sucos etc.). Em suma, eu estava me comportando mais sob controle de sinais (S^D s) do ambiente que me levassem a ingerir líquidos (encadeamentos de respostas que produzem acesso à água...) e a melancia, primeiramente em função de minhas lembranças, se tornou um estímulo forte – com alta probabilidade de controlar meu comportamento de notar a sua presença; e, em segundo lugar, em função da

³ Distrito da cidade de Campinas – SP.

operação de desidratação corporal, teve seu valor reforçador aumentado. Resultado: comprei e devorei a melancia, com imenso prazer (diriam aqueles que conceituam a melancia como reforço positivo) ou com imenso alívio (diriam outros, que conceituam a melancia como reforço negativo). De minha parte, as duas coisas: com *imenso* prazer e *enorme* alívio!